

PRIMEIRA NOTÍCIA SOBRE UMA GEOGRAFIA DE PORTUGAL NOVA E MONUMENTAL

ILÍDIO DO AMARAL¹

I. PALAVRAS DE ABERTURA

Sob a direcção de Carlos Alberto Medeiros, e também com a sua colaboração, uma excelente equipa de geógrafos elaborou uma nova *Geografia de Portugal*, do continente e das regiões insulares, projectada e realizada em quatro volumes profusamente ilustrados, edição luxuosa e cuidada do Círculo de Leitores, a quem se devem obras da maior importância e sempre com alto nível de qualidade. No momento em que escrevo esta Notícia (meados de Abril), três deles já se encontram distribuídos e o quarto tem saída anunciada para um dos próximos meses deste ano. A cada volume foi atribuído um subtítulo esclarecedor do respectivo conteúdo: “O Ambiente Físico” para o primeiro (Julho-Agosto de 2005), coordenado por António de Brum Ferreira, e para os outros, “Sociedade, Paisagens e Cidades” (Dezembro de 2005), com coordenação de Teresa Barata Salgueiro e João Ferrão, “Actividades Económicas e Espaço Geográfico” (Janeiro-Fevereiro de 2006), com coordenação a cargo de Carlos Alberto Medeiros, e “Planeamento e Ordenamento do Território”, coordenado por Jorge Gaspar. Fizeram parte da equipa de colaboradores pessoas academicamente prestigiadas no País e fora dele. A maioria abriu rumos novos para a Geografia portuguesa, explorou outros nichos do conhecimento geográfico, criou discípulos e construiu obras valiosas.

Dada a extensão desta *Geografia de Portugal*, de mais de 1.800 páginas, com textos de elevada qualidade, ilustração aprimorada e magnífica de imagens fotográficas e satelitais, mapas e esboços de vários tipos, esquemas e gráficos, quadros de valores estatísticos e caixas com sínteses informativas, a maioria a cores, listas bibliográficas, em muitos casos no fim de cada capítulo, e índices remissivos, as minhas notas incidirão apenas sobre os dois primeiros volumes. Ao aceitar o pedido que me foi feito para uma apreciação escrita da *Geografia de Portugal*, monumental, bela e rigorosa, confesso que o fiz com alguma leviandade porque na altura ainda me falecia a leitura minuciosa dos dois primeiros volumes e acabara de receber o terceiro. Isso colocou-me numa encruzilhada de três caminhos. Declinar o convite, apresentando justificação conveniente; eu próprio vedei essa via. Elaborar uma nota relativamente vaga e curta

¹ Geógrafo. Professor Catedrático Jubilado da Universidade de Lisboa. Especialista em Geografia das Regiões Tropicais.

E-mail: idoamaral@hotmail.com

sobre o aparecimento de mais uma Geografia de Portugal e lembrar que a última, coordenada por Suzanne Daveau e com a sua participação autoral, em 4 volumes, fora publicada entre 1987 e 1991; correria o risco de errar o caminho. Ficou então o terceiro, propiciatório de descobertas novas, mas no sentido de viajar com orientação correcta pelos volumes de uma *Geografia de Portugal* nova, incomparável a qualquer outra, marcada pela riqueza e actualização científicas, pelo rigor dos textos e da ilustração gráfica, pelo plano inteligentemente gizado e levado a cabo por uma equipa de geógrafos que, não obstante os seus interesses geográficos particulares, souberam dar a esta *Geografia* a posição impar de ciência de síntese, no cruzamento das ciências naturais com as humanas e sociais, como me ensinou, e a muitos outros, o nosso Mestre Orlando Ribeiro.

Venceu esse caminho associado também à crença de que, não sendo em *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, em nenhum outro periódico de carácter científico se abria espaço adequado para uma notícia alargada. Mas desde longo me interroguei sobre os problemas do espaço na Revista e do tempo de leitura dos interessados. Perdoem-me os editores e os leitores pela longuidão da Notícia, justificável pela grandeza do empreendimento e o seu valor científico, pela sua originalidade e actualidade plenas. A fim de evitar a tentação de análises demoradas, quase me limitei a perfilar títulos e subtítulos de cada uma das partes. Antes das notas sobre os dois volumes, julgo da maior vantagem, em benefício daqueles que não tenham podido adquirir a obra ou conseguido acesso fácil a ela, começar por apresentar num quadro os resumos dos seus índices gerais, reproduzindo somente os grandes títulos e os nomes dos colaboradores.

Sem desdouro de outros trabalhos científicos congéneres, o valor do que é objecto desta Notícia foi bem evidenciado por Carlos Alberto Medeiros na Apresentação geral, com palavras que receberam o meu pleno acordo. Cito-as, com ligeiras alterações: «constitui a primeira *Geografia de Portugal* desenvolvida, escrita em colaboração». Dito de outra maneira, supre a falta que se fazia sentir de um «livro desenvolvido, minucioso, com colaboração de autores» especializados «em determinadas matérias e (que) nele» as puderam «tratar com largueza». É oportuno recordar algumas obras marcantes com o título de “Geografia de Portugal”, mas que tiveram um só autor, como as do geógrafo alemão Hermann Lautensach (2 volumes, 1932-1937), do geógrafo coimbrão Aristides de Amorim Girão (1941 e várias edições posteriores), do geógrafo lisboeta Orlando Ribeiro (1955 em espanhol, como tomo V de uma *Geografia de España y Portugal*) e poucas outras em que, porém, a Geografia do País aparece como parte de conjuntos mais vastos, do tipo enciclopédico, como também é diferente a “Geografia de Portugal” coligida por Suzanne Daveau (4 volumes, 1987-1991), pois juntou às primeiras versões portuguesas das monografias de H. Lautensach e de O. Ribeiro, pertinentes comentários e actualizações da sua autoria.

Na *Geografia de Portugal* sob a direcção de Carlos Alberto Medeiros, debruçando-se sobre o Continente e as duas Regiões Autónomas, sobressaem, com nitidez, as preocupações do melhor entendimento do forte dinamismo dos fenómenos geográficos e afins que tem marcado os acontecimentos nacionais e mundiais desde meados do século passado, opondo-se a certo imobilismo e alguma fixidez predominantes em obras anteriores. O desenvolvimento mais acelerado da ciência e a explosão tecnológica, dos quais também tem beneficiado a melhor compreensão dos fenómenos geográficos, quer naturais, quer humanos, a nova consciencialização das relações do homem com a natureza, as mutações políticas, económicas e sociais com a descolonização e

Quadro I – Resumo dos índices gerais dos volumes I e II.
 Table I – Summary of tables of contents from volumes I and II.

Volume I – O Ambiente Físico

(496 páginas, cerca de duas centenas de figuras e de fotos*, 21 quadros, bibliografias extensas**)

Apresentação. Um Preâmbulo Geral. Palavras Prévias.

Parte I – Formas do relevo e dinâmica geomorfológica:

Introdução. Estruturação geológica do terreno. Geomorfologia do Maciço Antigo. Geomorfologia das Bacias Sedimentares. Geomorfologia vulcânica das ilhas. Formas de relevo e dinâmica quaternária. Dinâmica recente e actual.

Parte II – O espaço Atlântico Oriental:

Introdução. A dinâmica do oceano. Hidrologia e dinâmica do mar português. Ambiente oceânico e recursos biológicos.

Parte III – O ambiente climático:

Introdução. As condições genéticas do clima. As características do clima de Portugal.

O clima de Portugal estará a mudar?

Parte IV – Os recursos hídricos:

Introdução. Enquadramento de Portugal no contexto euro-mediterrâneo. Os recursos hídricos superficiais. Recursos hídricos subterrâneos. Recursos hídricos das Regiões Autónomas.

Parte V – A vegetação:

Introdução sobre a fitogeografia de Portugal. A vegetação natural. A vegetação introduzida.

Coordenação: António de Brum Ferreira.

Colaboração: Pela ordem das grandes divisões acima apresentadas, responsabilidades autorais de Carlos Alberto Medeiros; António de Brum Ferreira; Denise de Brum Ferreira; Catarina Ramos e Maria Eugénia Moreira; e Maria Eugénia Moreira e Carlos da Silva Neto.

Volume II – Sociedade, Paisagens e Cidades

(419 páginas, 163 figuras, 247 fotos, 78 quadros, bibliografias extensas)

Introdução

Parte I – Evolução histórica e ocupação do território:

Primórdios da evolução do País; a expansão marítima e os seus reflexos. Os novos desafios do século XIX; evolução demográfica até ao primeiro censo (1864).

Parte II – População e território:

Dinâmicas demográficas: uma visão panorâmica. Família e género. Migrações. População, qualificações e capital cultural. Desenvolvimento humano e coesão social. Paisagem e identidade: da memória à pós-modernidade.

Parte III – Cidade e sistema urbano:

Problemas em torno de um conceito complexo. Sistema urbano e territórios em transformação.

As áreas metropolitanas.

Parte IV – Paisagens urbanas:

Introdução. Elementos da morfologia. Transformação urbana. A cidade como património.

A cidade como ambiente.

Parte V – A cidade como espaço de vida e lugar de produção:

Segregação e fragmentação. Habitar nas cidades portuguesas. As compras e o lazer.

Mobilidade e transportes. Os lugares da indústria. Centralidades e direcionalidades.

Coordenação: Teresa Barata Salgueiro e João Ferrão.

Colaboração: responsabilidades autorais de Teresa Barata Salgueiro e João Ferrão;

Carlos Alberto Medeiros; João Ferrão, Jorge Macaísta Malheiros, Teresa Sá Marques e Teresa Pinto-Correia;

Teresa Barata Salgueiro, Álvaro Domingues e Teresa Sá Marques; Teresa Barata Salgueiro;

Teresa Barata Salgueiro, Fátima Loureiro de Matos, Elsa Pacheco e Mário Vale.

(A repetição de nomes deve-se ao facto de os fazer corresponder às cinco Partes do volume).

* Em números aproximados porque algumas imagens têm numeração desdobrada com letras – A, B,

** A bibliografia está em letra menor que a dos textos; estes estão em duas colunas por página e a bibliografia em três colunas.

surgimento de novos Estados, o derrube do muro de Berlim, símbolo da bipolarização política e económica e da guerra fria, a mundialização ou globalização e, ao mesmo tempo, a construção de novos arranjos nacionais e regionais à escala continental e de outras formas de interdependência, a explosão urbana, os temores sobre a degradação da qualidade do ambiente natural, e outras mais que podiam ser arroladas, constituem acontecimentos marcantes dos tempos actuais e que prenunciam os futuros.

No Preâmbulo Geral, no primeiro volume, Carlos Alberto Medeiros, numa vineta de páginas traçou, de uma maneira sintética, o quadro de alguns aspectos preliminares do território português, continente e regiões insulares: da sua posição e significado geográfico a uma curta nota sobre a evolução do conhecimento do território dos primeiros textos antigos relativos à Península Ibérica aos trabalhos no âmbito da moderna geografia portuguesa, passando pela génese e configuração da entidade política territorial, da antiga delimitação fronteiriça à situação actual, no quadro da União Europeia.

Dado que esta notícia se inclui num número da *Finisterra* sobre geografia urbana, ela é dedicada à parte da responsabilidade de Teresa Barata Salgueiro no volume II, como se mostra no quadro II.

Quadro II – Resumo dos índices correspondentes às partes dedicadas à geografia urbana.
Table II – Summary of tables of contents corresponding to parts dedicated to urban geography.

Partes	Páginas	Autores/Coordenação
<i>Parte III – Cidade e sistema urbano</i>	174-227	T.B. Salgueiro
1. Problemas em torno de um conceito complexo	174-189	T.B. Salgueiro
2. Sistema urbano e territórios em transformação	190-210	Teresa S. Marques
3. As áreas metropolitanas	211-227	A. Domingues
<i>Parte IV – Paisagens urbanas</i>	228-303	T.B. Salgueiro
1. Elementos da morfologia	231-243	T.B. Salgueiro
2. Transformação urbana	244-258	T.B. Salgueiro
3. Cidade como património	259-273	T.B. Salgueiro
4. Cidade como ambiente	274-303	T.B. Salgueiro
<i>Parte V – A cidade como espaço de vida e lugar de produção</i>	304-407	T.B. Salgueiro, F. Matos, E. Pacheco e M. Vale
1. Segregação e fragmentação	305-312	T.B. Salgueiro
2. Habitar nas cidades portuguesas	313-342	F. Matos e T.B. Salgueiro
3. As compras e o lazer	343-365	T.B. Salgueiro
4. Mobilidade e transportes	366-374	Elsa Pacheco
5. Os lugares de indústria	375-392	Mário Vale
6. Centralidades e direccionalidades	393-407	T.B. Salgueiro

Assim, num volume de 407 páginas de textos e ilustração vária (mais perto de 12 de “Índice remissivo”), a geografia urbana deteve cerca de 57 % daquele total. Na “Introdução” geral do volume, assinada por Teresa Barata Salgueiro e João Ferrão, o leitor encontrará uma explicação, em parágrafo da página 14: «A análise das cidades reparte-se por três partes. O convite de Carlos Alberto Medeiros para “actualizar” o livro de T. Barata Salgueiro sobre *A Cidade em Portugal*, então a fazer 10 anos, foi

um desafio difícil porque significava retomar uma obra que tem tido boa aceitação, mas constituiu também uma oportunidade para revelar os numerosos contributos que os geógrafos têm dado para o conhecimento do território, alguns de grande nível, e para partilhar a nossa visão sobre as questões».

A abertura não podia ter sido outra senão a de uma reflexão em torno do problema da definição de cidade, quer do ponto de vista científico, quer do modo de atribuição de categoria por via oficial em várias épocas históricas, quer para fins estatísticos; em qualquer dos casos acresce a questão da delimitação do espaço urbano. Numa caixa (pp. 187-189) a autora listou as “cidades oficiais” em 2005, por distritos, com indicação das de tempos muito antigos (antes da constituição do País e nação), às cartas régias, à legislação mais moderna. Da sua leitura ocorrerão, certamente, nos espíritos dos leitores, algumas reflexões quanto à evolução do sistema urbano português, tendo em conta as diferenças geográficas dos distritos (situação, área, população, actividades económicas, vias de comunicação, áreas de influência, distâncias aos dois grandes pólos metropolitanos, etc.). Não me cabendo fazê-lo aqui, limito-me a juntar um quadro resumo (quadro III).

Quadro III – Resumo da distribuição das 150 cidades oficiais portuguesas em 2005, por distritos.

Table III – Summary of the distribution of the 150 official Portuguese cities in 2005, by district.

Distritos	Número de cidades	Cidade mais antiga (*)
Aveiro	17	Aveiro, 1759
Beja	3	Beja, 1521
Braga	7	Braga, muito antiga
Bragança	4	Bragança, 1464
Castelo Branco	3	Castelo Branco, 1771
Coimbra	4	Coimbra, muito antiga
Évora	5	Évora, muito antiga
Faro	11	Silves, muito antiga
Guarda	8	Guarda, 1199
Leiria	6	Leiria, 1545
Lisboa	11	Lisboa, muito antiga
Portalegre	3	Elvas, 1513
Porto	25	Porto, muito antiga
Santarém	10	Tomar, 1844
Setúbal	11	Setúbal, 1860
Viana do Castelo	1	Viana, 1848
Vila Real	4	Vila Real, 1925
Viseu	6	Viseu e Lamego, muito antigas
Açores	5	Angra, 1534
Madeira	6	Funchal, 1508

(*) As datas indicam, somente, os anos de atribuição de diploma legal de eleição à categoria de cidade.

Acrescento apenas uma chamada de atenção para as duas dissimetrias do País (parte continental), que foram retomadas, exaustivamente, noutros capítulos: 93 cida-

des em distritos do litoral (incluindo o de Faro) contra 57 nos do interior; e 106 nos que ficam a norte do Tejo, contra 44 a sul do mesmo rio.

Justamente o segundo capítulo, da autoria de Teresa de Sá Marques, foi dedicado ao “Sistema urbano e territórios em transformação”. Contém uma pequena nota sobre a definição legal de cidades médias, em despacho de 1994, uma comparação geral de cidades portuguesas com cidades europeias, a apresentação dos territórios que perdem e dos que ganham densidade populacional, da dinâmica económica e estrutura urbana, dos níveis de articulação do sistema urbano (mobilidade, centralidades e redes), da estrutura urbana e sistemas regionais, e no final um cenário prospectivo (desejável). Como referi anteriormente, acerca das dissimetrias do país, os mapas e os quadros que ilustram o texto evidenciam, de uma forma clara, a constância daquelas diferenças: os das densidades populacionais por freguesias (1950, 1970 e 2001), os da população residente nas áreas urbanas (1950 e 2001), o da evolução desta entre 1991 e 2001, os da distribuição dinâmica de emprego e o dos fluxos dominantes por concelhos (movimentos pendulares casa-trabalho), os das centralidades e áreas de influência, e, por fim, o do sistema urbano. Portugal é um país dual, do Litoral e do Interior, do Norte e do Sul.

Segue-se, no terceiro capítulo, “As áreas metropolitanas”, por Álvaro Domingues. Tal como foi feito noutros capítulos, este também começou por uma introdução, com breves notas sobre tentativas de definição de área metropolitana devidas a diversos autores, citando-se ainda a lei de 1991 que, entre nós, criou as áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto. No prosseguimento, o autor estabeleceu as diferenças entre elas, os principais motores da «transformação radical» numa e noutra (problemas de mobilidade, sistemas infraestruturais e tecnologias, novas lógicas de localização de actividades económicas), os problemas de habitar a cidade extensa e os desafios da regulação urbana nas áreas metropolitana. Diferentemente das contribuições anteriores, aqui foi anexada uma lista bibliográfica.

A parte IV, “Paisagens urbanas” (pp. 228-303, incluindo bibliografia extensa), foi da responsabilidade exclusiva de Teresa Barata Salgueiro que, na “Introdução”, definiu a paisagem urbana como «um misto de “formas” e de “funções ou actividades”», tendo «uma componente material e objectiva e outra subjectiva, pois resulta da combinação das estruturas construídas, dos usos que as ocupam, da intensidade dos modos de apropriação dos espaços e de como este conjunto é percebido pelos indivíduos». Esclareceu ainda, reproduzindo na íntegra as suas palavras, que se trata de «um produto complexo de factores que incluem os elementos da morfologia, a herança histórica que se faz e refaz produzindo cidade nesse sítio, o ambiente físico e social numa perspectiva de risco e de segurança e a valorização patrimonial do território».

Por essa ordem, desenvolveu os quatro capítulos, intitulados “Elementos da morfologia” (tipos de malhas ou plantas; ruas, praças e jardins; e as construções), “Transformação urbana” (questão viária; embelezamento; século XIX, de renovação e extensão; século XX, da renovação à reabilitação; e suburbanização), “A cidade como património” (património e gestão urbana; e produção de monumentos e regeneração de frentes aquáticas) e “A cidade como ambiente” (qualidade de vida e segurança; riscos ambientais nos seus impactes na saúde e condições de vida – ruído, resíduos sólidos urbanos; criminalidade e segurança, e sua distribuição geográfica no país, terminando com um estudo de caso, o de Lisboa).

No fim desta parte há cerca de 2 páginas e meia de bibliografia na qual notei a falta de *Mercado de habitação e estrutura urbana na área suburbana de Lisboa*, de

1985, excelente tese de doutoramento da autora, uma vez que, por exemplo, abordou problemas de «crescimento suburbano, [...] pela extensão contínua da mancha urbana orientada pelos eixos principais de transporte e pela condensação em núcleos periféricos», de suburbanização explosiva desde os anos 50 do século passado, «com a aceleração do êxodo rural que traz importantes contingentes demográficos e mão-de-obra às áreas urbanas do litoral e começa também a ser resultado dos processos de reorganização e desconcentração das cidades», etc., a que juntou algumas fotografias de boa qualidade, como a da imagem com o número 133, página 256, titulada vagamente «densidade no crescimento suburbano em altura, de iniciativa pública e privada». Trata-se não apenas de uma bela foto panorâmica, mas também de um documento verdadeiramente geográfico do crescimento explosivo de Odivelas, na parte mais baixa do vale largo, até quase ao cimo da serra da Amoreira (esta no extremo esquerdo da foto), tendo no meio, no primeiro plano, bem visíveis, um bairro social e outros (“clandestinos”, na expressão corrente), uma via rápida de construção recente e, de igual modo, junto dela, um gigantesco centro comercial, o Odivelas Parque, reconhecível pela forma rectangular e tonalidade azulada, com uma barra vertical amarelada e um cartaz enorme, e depois as silhuetas de “torres”, isto é, de prédios de grande altura. Ao fundo, do lado direito, o enquadramento do vale é dado por uma boa porção das “costeiras” de Loures.

O fenómeno ora enunciado pela palavra *gentrification*, para a qual a autora propôs, e bem, a tradução por “nobilitação” ou “elitização”, em vez da simples adopção de “gentrificação” - *gent* em inglês significa “pessoa nobre ou importante”, ainda que em francês, segundo o Robert, seja “espécie ou raça” -, marcado por «substituição de residentes, que tem como resultado a subida de nível económico dos ocupantes de uma área» e também «dos comércios e serviços» que aí se instalam, tanto ocorre na parte dita urbana como na periferia suburbana. Disto são esclarecedoras, ainda que alvo de debates, as contribuições de vários autores inseridas no número 300 (3-4), de Março-Abril de 2004, da célebre revista francesa *Esprit*, quase totalmente dedicado a *La ville à trois vitesses: gentrification, relégation, périurbanisation*. Ao mencionar isto, bem sei que, percorrida a lista bibliográfica no final da parte IV e tendo em conta as exigências de prazos editoriais, nota-se que o ano de 2003 aparece como data limite da recolha de informações.

Já agora, a propósito de *gentrification* e dos termos correspondentes propostos por Teresa Barata Salgueiro, apraz-me juntar algumas linhas acerca das dificuldades em evitar a importação directa ou modificada de palavras que ganharam direitos de cidadania noutras línguas de grande expansão científica, e de que aparecem muitos exemplos nos dois volumes da *Geografia de Portugal*. Assim, do primeiro refiro apenas alguns, como os de “aloformação”, “crioclástico”, “crionivação”, “crionival” e *etchplain* (estas três estão omissas no índice remissivo), *downwelling* e *upwelling*, *foehn*, *hotspot*, *inselberg* (nos trabalhos que dediquei a estas formas de relevo procurei, sem êxito, substituí-la pela tradução directa de “monte-ilha”); e no segundo, de modo idêntico, “conjugalidade”, “parentalidade”, “periferização”, “rurbanização”, “ecoponto”, “infoexclusão” e “infoinclusão”, *factory outlets centres*, *franchise* e “franchisado”, *marketing*, *retail parks*, *hinterland*, *internet*, etc.

O problema não é de hoje nem de ontem. Basta recordar, recuando demasiado no tempo, ao século I (anos 76-77), a carta dedicatória de Plínio o Velho ao imperador Vespasiano, no início da sua monumental e enciclopédica *História natural*, repositório longo e exaustivo de aspectos naturais e humanos (37 Livros ou volumes,

contendo informações e reflexões sobre o que havia sido estudado acerca de fenómenos atmosféricos e oceânicos, descrições geográficas das terras e dos homens e factos históricos, aspectos antropológicos, animais e plantas, sobretudo os fornecedores de produtos de interesse medicinal, rochas e minerais utilizáveis em obras de arte, etc.), em que se desculpava pelo uso de palavras estrangeiras (nomeadamente gregas), de vocábulos frustes, campesinos, e de “barbarismos”, quando não teve a possibilidade de encontrar termos adequados em latim (a língua da alta cultura do tempo) para se referir a diversos fenómenos. Não se pode esquecer que a ciência também se tem enriquecido pela importação, cruzamento e adaptação de vocábulos de línguas diferentes, que se universalizam para definição de situações ou de aspectos concretos.

Na parte V, “A cidade como espaço de vida e lugar de produção”, juntaram-se textos de Teresa Barata Salgueiro, Fátima Loureiro de Matos, Elsa Pacheco e Mário Vale (ver quadro II), por vezes com associação de autores. No primeiro capítulo, sobre “Segregação e fragmentação”, de Teresa Barata Salgueiro, foi sublinhada a «constante interacção» das «práticas sociais e espaço», com desenvolvimento num discurso sobre a organização social urbana, a segregação de áreas habitacionais, a zonagem urbana, e a fragmentação, isto é, o «processo de recomposição a todas as escalas», espacial e humana, muitas vezes «a nível micro». Ainda segundo a autora, numa espécie de conclusão, «a emergência da cidade fragmentada não anula, por substituição, a cidade segregada característica do capitalismo industrial», voltando a servir-se da *gentrification* ou nobilitação.

Os temas de segregação e fragmentação tiveram continuidade no segundo capítulo, “Habitar nas cidades portuguesas”, o mais longo da quinta parte, onde, desde logo, Fátima Loureiro de Matos e Teresa Barata Salgueiro, definiram os seus objectivos: «depois de uma breve caracterização do parque habitacional, passamos à apresentação de alguns tipos de alojamentos que melhor evidenciam a segregação e a fragmentação do espaço urbano». Na secção reservada à estratificação social da habitação demoraram-se sobre coisas tão diversas como vilas e ilhas, barracas e bairros clandestinos, habitação social, cooperativas de habitação, e condomínios fechados, com exemplos devidamente localizados, de evoluções datadas e referências a vários planos e serviços responsáveis. Muitos mapas, plantas, quadros, gráficos e fotos ajudam o leitor a penetrar no texto denso.

Teresa Barata Salgueiro voltou à autoria única em “As compras e o lazer”, terceiro capítulo, e mais adiante no último, o sexto, sobre “Centralidades e direcionalidades”. No primeiro ora referido, evidenciou as fortes relações do comércio com a cidade, «muitas vezes mesmo fundadora», contribuindo «para a animação e a organização urbana, para a paisagem e imagens das urbes». Depois de uma introdução, foram desenvolvidos aspectos sobre a organização comercial urbana, os novos elementos das paisagens comerciais, a crise e revitalização da áreas centrais, a cidade e o lazer, e a estrutura comercial nas cidades portuguesas, analisada nas áreas metropolitanas (Lisboa e Porto), e com referências específicas aos casos das cidades de Braga, Funchal, Leiria e Évora pelas suas características particulares de estrutura ou de reestruturação.

Permito-me acrescentar que o estudo sobre a difusão concorrencial de grandes centros comerciais nas periferias metropolitanas constituirá, sem dúvida alguma, uma matéria de forte impacte e limito-me a citar, como exemplos, pelas áreas ocupadas e pela imensa diversidade das ofertas comerciais, incluindo a restauração e o espectá-

culo, os casos do Odivelas Parque, do *Carrefour* e do Continente, todos em posições extremadas relativamente às cidades de Odivelas e Loures.

Entre os dois capítulos de Teresa Barata Salgueiro inseriram-se o quarto, “Mobilidade e transportes”, de Elsa Pacheco, e o quinto, “Os lugares da indústria”, de Mário Vale. As cidades têm crescido rapidamente e, como células invasoras em fenómenos de fagocitose, vão atacando e digerindo lugares dispersos, aldeias e vilas da sua vizinhança. A valorização e especulação de terrenos e prédios no núcleo central centrifugam uma boa parte dos seus habitantes, que procuram condições menos onerosas nos aglomerados suburbanos, transformados, muitas vezes, em locais dormitórios. Sem ter havido descentralização de actividades económicas e serviços capazes de fixarem as pessoas que aí habitam, estas afluem, maciçamente, ao centro urbano em períodos de trabalho, e de igual modo o abandonam fora deles, em movimentos pendulares que o desenvolvimento e vulgarização dos transportes, quer de uso individual, quer colectivo, têm facilitado.

As cidades e as aglomerações das suas áreas circundantes acabam por impor a construção de redes densas de canais (vias rápidas, muitas delas com pagamento de portagem, faixas reservadas para transportes colectivos) e plataformas de cruzamento dinâmico (rotundas e anéis) mais favoráveis ao escoamento do trânsito de vários tipos de transportes que se adensa. No próprio interior das grandes cidades tem-se procurado equilibrar a densidade do tráfego de superfície com a implantação de redes escavadas no subsolo para o metropolitano, das quais já partem ramais tentaculares para certos itinerários que se alongam em direcções suburbanas, ou melhor dito, eixos de ligação entre a metrópole e as cidades vizinhas, contribuindo assim para a maior massificação da conurbação. Elsa Pacheco debruçou-se sobre o (des)ajuste entre a cidade e o transporte: infra-estruturas, mobilidade e acessibilidade, e a definição de políticas de mobilidade.

Em “Os lugares de indústria” Mário Vale, para quem «a indústria está profundamente associada ao desenvolvimento das cidades», dividiu o seu texto em três secções, com subsecções, assim intituladas: a indústria faz a cidade; indústria e cidade em Portugal (expressão industrial das áreas urbanas, e especialização industrial dos aglomerados urbanos); e dinâmicas recentes de localização industrial no espaço urbano (Guimarães, a industrialização difusa; Coimbra, conhecimento e difusão; Carregado, expansão industrial periférica; e Venda Nova, crise industrial e regeneração urbana). À semelhança de outros capítulos, mapas, gráficos e quadros estatísticos.

Por fim, como referi anteriormente, no encerramento do segundo volume da *Geografia de Portugal* Teresa Barata Salgueiro assinou “Centralidades e direccionalidades”, a que eu me permitirei acrescentar “novos processos”, uma vez que sempre houve centralidades e direccionalidades. Baseou-se na análise da «crescente afirmação dos serviços», ou melhor da terciarização, com destaque para as actividades favorecidas pelos grandes avanços tecnológicos, como as de «informática, telecomunicações e biotecnologia», que se «tornam motores da economia das regiões onde se situam, obrigando a uma revisão do modo como até aqui» decorria o desenvolvimento. Depois da apresentação da importância dos serviços a nível do país, a atenção foi dada à criação de novas centralidades na área metropolitana de Lisboa, com notas particulares, por exemplo, sobre os pólos tecnológicos ou parques de ciência, ligados à produção de tecnologias avançadas favoráveis à promoção industrial. Nas linhas finais a autora considerou que «as áreas especiais de negócios contribuem para a produção de uma cidade de enclaves, de espaços fechados, conectados uns com os outros, que fazem a cidade

fragmentada mas são uma negação da cidade pública e convivial que a tradição europeia foi edificando ao longo dos séculos». Estou certo que no seu pensamento esteve o reconhecimento indubitável das mudanças aceleradas, por vezes sob a forma de verdadeiras mutações, da decorrência das actividades e dos seus instrumentos, não apenas a nível nacional ou continental próximo, mas a nível mundial, da globalização. Não admira a renovação ou inovação de centralidades e direccionalidades.